



Militares holandeses conduzem ataque em um ambiente urbano durante o Exercício *Allied Spirit I*, no Centro de Aprestamento Conjunto Multinacional do Exército dos EUA, Hohenfels, Alemanha, 20 Jan 15.

(Exército dos EUA, Especialista em Informação Visual Markus Rauchenberger)

Como Prever a Guerra do Futuro

Robert A. Johnson

© 2014 Robert A. Johnson

Este artigo foi originalmente publicado na revista Parameters 44(1) (Spring 2014).

Ao longo da história, particularmente durante longos períodos de paz, os contemporâneos de uma determinada época tiveram dificuldades em identificar mudanças no caráter da guerra. Embora possam existir tendências e princípios permanentes de estratégia e relações internacionais, a variabilidade de condições, as mudanças na aplicação da tecnologia, a adaptação e a dinâmica do conflito dificultam tremendamente a previsão e, consequentemente, o planejamento. O problema em prever não impediu o surgimento de assertivas ousadas, e algumas visões antiutópicas do futuro foram difundidas por obras

sensacionalistas e, aparentemente, até por trabalhos acadêmicos sérios. Os novos “profetas do apocalipse”, que anteveem uma anarquia hobbesiana, incluem figuras ilustres como Robert Kaplan, Francis Fukuyama, Samuel B. Huntington e, ainda que em menor grau, David Kilcullen¹. Martin van Creveld e Philip Bobbitt sugerem que o Estado está em declínio “terminal” nos assuntos internacionais, abrindo caminho para o caos e a guerra². Outros alegaram que a guerra seria conduzida “em meio ao povo”, com resultados terríveis em termos de baixas civis, e, em 2009, a doutrina militar oficial do Reino Unido sobre o futuro caráter dos conflitos mencionou, em termos exclusivamente negativos, um campo de batalha “híbrido”, que seria, inevitavelmente “contestado, congestionado, confuso, conectado

e restrito”³. Obras sobre tendências estratégicas globais preveem um futuro violento em meio a recursos naturais cada vez mais escassos, pressões climáticas e o crescimento demográfico mundial. Não obstante, essas projeções são diametralmente opostas às conclusões de Steven Pinker, Andrew Mack e Håvard Hegre: especificamente, que as guerras, de menor e maior escala, estão em declínio⁴. Na Universidade de Uppsala, na Suécia, estudos estatísticos, que incorporam todos os determinantes tradicionais dos conflitos desde 1945, preveem uma redução do número de guerras e do total de baixas nos próximos cinquenta anos.

No passado, tentativas de prever o futuro da guerra foram igualmente contraditórias. Sempre houve a tentativa de apegar-se a valores e estruturas da Força já arraigados e de minimizar a importância das verdades desagradáveis. A seleção de premissas preferidas, no lugar de absolutas verdades, era um problema comum. Não obstante, algumas projeções, descartadas como absurdas por seus contemporâneos, mostraram-se corretas com o tempo. No passado, as tentativas de prever a guerra do futuro se caracterizaram pela seleção, exagero, absurdo, medos e preferências da época, entendimentos equivocados e previsões de longo prazo inadequadas — e todos esses aspectos continuam a predominar no presente⁵.

Há muitas razões pelas quais é tão difícil fazer previsões, ainda que existam “tendências” positivistas aparentemente óbvias para nos guiar. É tentador fazer projeções no presente com base nos tipos de guerra que parecem predominar na atualidade, pressupondo que, no futuro próximo, todos os conflitos se enquadrarão nos mesmo padrões. Os analistas militares querem identificar as características da guerra do futuro com precisão, especialmente porque dispendiosos programas de desenvolvimento tecnológico dependem de seus pareceres, o treinamento de especialistas é de longo prazo e os governos exigem o sucesso com a maior eficiência. A dificuldade é que o sucesso depende do contexto. Identificar, com clareza, em que consiste o objetivo deve ser essencial, mas a dinâmica da guerra altera, com frequência, as condições nas quais se ingressou no conflito. Portanto, os objetivos evoluem de forma tão rápida e abrangente quanto o próprio conflito. As tendências do passado recente oferecem fortes indícios sobre a guerra no futuro próximo, mas, ainda assim, requerem cautela. Os Estados

em via de fracassar, o terrorismo internacional movido por ideologias radicais e o decrescente poder dos Estados ocidentais para influenciar os acontecimentos ou as populações podem caracterizar o futuro imediato. Contudo, o verdadeiro valor da história não é evocar analogias diretas. Tampouco a resposta está em tentar extrair seleções de fatos para atender a interesses específicos, como ocorre com frequência. O valor da história está, na verdade, em estimular a reflexão crítica, com o fim de suscitar perguntas e contestar as premissas positivistas que bloqueiam nosso campo de visão. Estamos sujeitos à corrente da história e, embora não possamos fugir, totalmente, ao nosso presente, podemos tentar nos libertar de pressuposições infundadas sobre o futuro por meio do pensamento crítico.

A Guerra e a Aceleração das Mudanças

Análises recentes sobre o ambiente operacional futuro colocaram ênfase em tendências visíveis no presente. O relativo declínio econômico do Ocidente em comparação com o crescimento das manufaturas chinesas, um fenômeno não necessariamente inevitável no futuro, deu início à premissa de que o mundo se tornará mais multipolar. Dada a brevidade do momento unipolar norte-americano após a Guerra Fria, a multipolaridade não é algo surpreendente, mas é ilógico associá-la com o relativo declínio econômico do Ocidente: não é algo automático. Com efeito, o crescente potencial militar da China e a ambiguidade quanto aos seus planos de longo prazo são citados com tanta frequência e suspeita que a noção de um confronto já passou a ser uma condição aceita e inevitável, mas que pode não ocorrer nunca, nem mesmo no Pacífico⁶. A China fornece tropas de manutenção da paz às Nações Unidas e se concentra, primordialmente, em sua segurança interna. O temor em relação a seu potencial de guerra cibernética não leva em consideração, muitas vezes, o desejo do governo chinês de monitorar revoltas internas. A República Popular da China é especialmente sensível quanto à integridade de suas fronteiras, o que não é uma postura ilógica, considerando as ameaças nesse sentido em 1950, 1960, 1962 e 1979. O que é mais importante: a ambição da China é moderada por sua interdependência com o Ocidente e com a economia mundial. Ela depende dos mercados, assim como da

tranquilidade de sua população interna. Uma segunda assertiva é que os arcabouços jurídicos para as operações ocidentais se tornarão menos flexíveis, e os militares expressam o medo de ficarem tão restritos a ponto de não terem como manobrar no futuro⁷. Os assessores jurídicos são vitais nas operações de baixa intensidade em meio ao povo e de contraterrorismo, mas teriam menor impacto em campanhas de alta intensidade. Na verdade, cabe observar que a assessoria jurídica nos países ocidentais tem costume facilitar, e não obstruir, as operações. O verdadeiro obstáculo é uma aversão a riscos e o medo da “juridificação” das operações no âmbito estratégico e de formulação de políticas. São expressas preocupações, por exemplo, quanto às Operações Psicológicas, à Vigilância e à Seleção de Alvos, ainda que esses componentes sejam intrínsecos ao contraterrorismo.

Uma terceira assertiva consiste na previsão de que os futuros ambientes operacionais serão urbanos, onde um rápido crescimento demográfico

exercerá enorme pressão sobre a infraestrutura e os recursos. Um outro agravante é que a mudança climática é vista como o catalisador de uma incidência maior de desastres naturais, afetando, particularmente, as cidades costeiras, e as Forças ocidentais talvez tenham de atuar em regiões devastadas. Prevê-se que as crises de escassez de recursos — presumidamente, um fator desencadeador da guerra — atingirão um estágio agudo quando a demanda energética começar a exceder a oferta ou as reservas disponíveis. Acredita-se, ainda, que os primeiros locais a serem afetados serão cidades com grandes populações desfavorecidas. Com efeito, é provável que haja ajustes consideráveis, mas, na verdade, eles serão determinados pelo mercado: à medida que os custos se tornarem excessivos, os consumidores e os Estados serão obrigados a adotar alternativas, e a guerra pode nem sempre ser o resultado. O mapeamento de “gargalos” de demanda e oferta e do relativo poder de cidades, Estados e atores não estatais pode



Primeiro-sargento do Exército dos EUA observa uma área com binóculo durante patrulhamento com militares norte-americanos, tchecos e afegãos em uma aldeia na Província de Parwan, Afeganistão, 27 Jan 15.

Exército dos EUA, 1º Sgt David Wheeler

revelar alguma correlação com futuros conflitos. Entretanto, essas correlações não podem ser consideradas determinísticas.

As melhores avaliações sobre uma possível guerra no futuro próximo se baseiam no presente. Preveem grandes movimentos insurgentes, atuando em zonas rurais e urbanas, profundamente envolvidos na política local, e gozando da compreensão, se não do apoio, de suas populações. As operações no Iraque, no Afeganistão e na Somália foram caracterizadas como intervenções militares ocidentais de larga escala que hostilizaram os habitantes locais, ameaçaram os interesses constituídos e apresentaram fins, métodos e meios mal definidos ou mal alinhados. Ainda que a intenção não fosse uma intervenção deliberada, é possível que, no curto prazo, tentativas de levar a assistência humanitária a uma população em meio a uma guerra civil ou o colapso de uma missão de manutenção da paz gerem complicações e obrigações semelhantes.

Considerando o fato de que a capacidade convencional norte-americana é sobrepujante — e um confronto nuclear impensável —, muitos acreditam que todos os futuros adversários do Ocidente conduzirão a guerra irregular ou não convencional. Alguns afirmam que a guerra “por procuração” (*proxy war*) será mais comum⁸. Alguns “representantes” nessas guerras “por procuração” talvez não sejam Forças militares convencionais, podendo englobar desde firmas militares privadas até empresas e instituições financeiras transnacionais.

Os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos da América (EUA), levam a crer que futuros ataques serão direcionados contra pontos fracos específicos do mundo ocidental. Seus alvos, como populações civis, embaixadas e infraestrutura, são, invariavelmente, não militares. Contudo, essas vulnerabilidades são, na verdade, exatamente o que as Forças Armadas ocidentais precisam remediar, especialmente porque os organismos civis não têm a capacidade de



Subtenente do Exército dos EUA provê segurança ao longo de um canal, durante patrulhamento em uma aldeia da Província de Parwan, Afeganistão, 27 Jan 15.

Exército dos EUA, 1º Sgt David Wheeler

proteger tais alvos. Ao enfrentar essas fraquezas, talvez seja necessário reavaliar, de forma radical, o papel e a função dos exércitos, bem como reconhecer que o ambiente operacional futuro estará, provavelmente, tanto no âmbito nacional quanto no exterior⁹.

A ansiedade em relação a vulnerabilidades ocidentais gerou bastante especulação sobre a guerra eletrônica, cenários de contraterrorismo, batalhas inter-robóticas e o futuro do poder aéreo baseado em sistemas não tripulados para conduzir ataques a distância. O problema é que esses aspectos talvez não caracterizem a guerra do futuro, ainda que sejam previsíveis de uma maneira tranquilizadora para seus defensores e críticos. Os analistas militares ocidentais buscam, avidamente, identificar padrões com os quais já tenham familiaridade, a ponto de selecionarem e exagerarem as ameaças e ignorarem futuras oportunidades. Isso se deve, em grande parte, a fatores culturais. As noções de Clausewitz com respeito à determinação, à política de decisão e aos resultados rápidos são extremamente atraentes, ainda que a guerra seja, em essência, marcada pela indecisão, prolongada, dinâmica e imprevisível.

Observa-se que uma atual caracterização da guerra sugere uma crescente “digitalização”, com ênfase em indicadores de seleção de alvos, fogos, vigilância e efeitos. A constante evolução desse fenômeno foi ofuscada por debates recentes sobre técnicas de contrainsurgência. Não obstante, essas questões estão intimamente ligadas, porque, no nível tático, os insurgentes buscam sobrecarregar esses sistemas superiores com vários postos de tiro ou formas de ataque, incluindo homens-bomba. Frações das Forças Especiais continuam tendo de conduzir vigilância aproximada para permitir que armas computadorizadas sejam acionadas, precisando, muitas vezes, ocultar-se em meio às populações ou recrutar auxiliares locais, utilizando militares capazes de um alto grau de empatia e compreensão das necessidades dos atores não estatais e de seus interesses¹⁰. Apesar de tentativas de eliminar a fricção com novas tecnologias de combate ao terrorismo e à insurgência, os efetivos humanos e seus sistemas de tecnologia avançada permanecem vulneráveis à exaustão, a falhas técnicas e a decisões equivocadas, tomadas por comandantes cansados, estressados e sob constante observação. A “névoa” das informações pode ser um óbice de menor importância na guerra convencional, mas os insurgentes tentam subverter

os sistemas de informações ocidentais, confundir, obscurecer e permanecer ocultos. O ritmo acelerado da guerra convencional condiz com os sistemas tecnológicos das Forças ocidentais, o que não é o caso de períodos de conflito prolongado em meio às populações, porque a fricção se reafirma com mais força.

Uma premissa repetida com frequência é que as operações no futuro serão expedicionárias, já que não há uma ameaça existencial aos EUA ou aos Estados do continente europeu. Os que pretendem evitar o caráter prolongado da guerra terrestre, como no Afeganistão, falam da necessidade de operações aéreas e navais ou, no máximo, de uma estrutura de Força leve. Defensores dessa postura raramente reconhecem as limitações do poder aéreo, expostas em operações recentes como as do Kosovo. Os defensores do poder naval, ávidos por enfatizar a forma pela qual os governos podem manter sua liberdade de ação sem envolver-se em campanhas terrestres, dão menor atenção às vulnerabilidades do poder marítimo em litorais congestionados ou ao fato de que, no passado, a decisão na guerra ocorreu tanto em terra quanto no mar. Os que idealizaram a participação de tropas leves na manutenção da paz parecem não ter considerado as consequências caso essas missões falhem, levando a graves confrontos e ao risco de uma derrota catastrófica.

A lógica de uma presença leve, no combate expedicionário ocidental entre 2001 e 2003, foi manter a agilidade, minimizar a carga da logística e evitar gerar o antagonismo dos habitantes locais com uma presença militar ostensiva e de larga escala. Os EUA buscaram evitar, especificamente, qualquer ideia de ocupação no Afeganistão, para impedir uma repetição dos erros soviéticos em 1979. Em 2001, havia considerável fé na capacidade do poder aéreo para produzir soluções sem um emprego significativo de tropas terrestres¹¹. Com efeito, a lógica de tropas terrestres menores significa maior vulnerabilidade e uma quantidade menor de informações de Inteligência, que só podem ser compensadas com uma dependência maior do poder aéreo. Contudo, apesar do surgimento do ataque de precisão e do aperfeiçoamento de sistemas de busca de alvos, essa dependência gerou um número maior de baixas civis. Essa abordagem se mostrou contraproducente nas operações tipo polícia em que as tropas militares ocidentais se viram envolvidas posteriormente. O poder aéreo, por si só, não seria capaz de prover a segurança



Primeiro-sargento do Exército dos EUA provê segurança durante patrulhamento com militares tchecos e afegãos em uma aldeia da Província de Parwan, Afeganistão, 27 Jan 15.

Exército dos EUA, 1º Sgt David Wheeler

necessária para o estabelecimento de um novo governo. Desde as operações contra a Líbia (2011), renovou-se o entusiasmo por operações aéreas que evitem o emprego de tropas terrestres, tendo-se defendido, em 2013, um número limitado de ataques de mísseis contra o regime sírio. As potências ocidentais levaram certo tempo para entender que tanto seus métodos de combate e estabilização quanto seus planejamentos de campanha e suas doutrinas não podem ser tratados como imutavelmente superiores, tendo sido obrigadas a modificá-los constantemente, com o desenrolar das operações.

A contribuição proporcionada pelas novas tecnologias (dos veículos aéreos não tripulados à robótica) e novos métodos (como a negação ou interrupção de serviço cibernético) não faz mais para garantir a vitória que a fé no poder aéreo e naval no início do século XX. A novidade de uma tecnologia nunca assegurou, por si só, o êxito: é a integração da inovação em métodos e meios efetivos que confere uma vantagem estratégica ou tática. Foi esse o caso, em particular, dos veículos

aéreos não tripulados providos de mísseis. Há um intenso debate sobre o caráter legal e ético das eliminações seletivas dentro de Estados que não estejam em guerra com o Ocidente, como o Iêmen e o Paquistão; da remoção temporária de combatentes insurgentes da área de operações por meio de encarceramentos extrajudiciais; e das transferências extrajudiciais de combatentes suspeitos¹². O fato é que os inimigos do Ocidente subvertem o Direito dos Conflitos Armados do mundo ocidental. Atacam enquanto ocultos pela população civil local; não se atêm à verdade em suas operações de informações; e declaram que sua intenção é causar baixas em massa entre os que não aderirem às suas ideias.

A preocupação ocidental em proteger populações, profundamente internalizada com o surgimento dos bombardeios aéreos em massa nas Grandes Guerras, não é uma prioridade para muitos beligerantes não ocidentais. Por mais perturbador e repugnante que isso possa ser para o Ocidente, o fato é que a intimidação,

o medo de represálias e o poder militar sobrepujante persuadiram, muitas vezes, a população a obedecer, ao contrário da seleção de alvos ética, tão valorizada pelos ocidentais¹³. Não obstante, inconsistências também podem ser exploradas. Os ataques de VANT, sem que haja um arcabouço claro de regras de engajamento, enfraquecem os limites entre guerra e paz ainda mais e fazem com que seja mais fácil para grupos não estatais afirmar que eles também possuem o direito de contra-atacar em um âmbito internacional.

Ambientes urbanos e periféricos, onde o controle governamental não seja garantido, apresentam, claramente, os maiores problemas para as forças de segurança, sendo preciso, às vezes, que as Forças Armadas assumam, temporariamente, o papel de autoridade governante com poderes legais. Os exércitos ocidentais consideram a ideia de segurança interna menos atraente que a condução da guerra além das fronteiras nacionais. A segurança interna é vista como uma forma de policiamento, e não como uma atividade militar. Embora fosse o papel tradicional dos exércitos antes do século XIX, o triste histórico de segurança interna e coação da população pode parecer algo abominável para os profissionais militares. Contudo, é preciso colocar mais ênfase no objetivo de trazer os adversários para a mesa de negociação como um parâmetro do sucesso, vendo a negociação como regra, em vez do conceito excepcional de vitória militar em uma guerra total mediante a destruição dos meios de resistência¹⁴. Tratar a guerra como uma extensão da política significa que a vitória é a correlação entre fins, métodos e meios, sendo um processo contínuo, e não um estado final.

A incapacidade de prever, com segurança, o que está por vir talvez ajude a explicar o atual desejo de buscar o novo, ao mesmo tempo que se mantém o conhecido no planejamento para a guerra do futuro. Não obstante, no ambiente operacional futuro, conceitos antigos e novos de guerra conviverão. Alguns adversários utilizarão novos sistemas de armas e operações de informações, ao passo que outros atacam elementos da infraestrutura e tentarão mobilizar populações com o uso de ressentimentos ideológicos; outros, ainda, cavarão trincheiras e conduzirão o combate aproximado. Não há um modelo para a previsão, porque cada conflito terá seu próprio contexto.

A identificação de padrões é algo comum no discurso sobre a guerra do futuro, e as ansiedades do presente

são, geralmente, projetadas de modo exagerado¹⁵.

Avaliações menos sensacionalistas não têm tanto apelo, atraem menos atenção e, caso não se tornem realidade, são utilizadas como exemplos de acomodação. É difícil identificar as tendências históricas em um prazo mais longo: não há como saber, ao certo, se a tendência identificada é a correta. Além disso, é impossível ignorar os tipos de guerra do presente. Ao que parece, o mundo passa, atualmente, por um período de conflito não convencional. As projeções são feitas com base nesse padrão já estabelecido, o que explica por que aqueles que buscam demonstrar, com dados estatísticos, que haverá uma redução na frequência de guerras no futuro se sentem tão confiantes quanto os pessimistas.

As contradições inerentes a essas análises indicam que, na verdade, não há garantia alguma de que padrões e trajetórias sejam confiáveis. Não é algo inevitável que a guerra de baixa intensidade e não convencional da atualidade persista, mesmo em um futuro próximo. É possível que ocorram casos de guerras interestatais intensas e extremamente destrutivas, possivelmente incluindo um confronto limitado entre armas nucleares táticas.

Além disso, como ressalta David Kilcullen em sua recente obra *Out of the Mountains: the Coming Age of the Urban Guerrilla* ("Fora das Montanhas: a Futura era da Guerrilha Urbana", em tradução livre), a questão não é que as tendências de mudança sejam desconhecidas e imprevisíveis, e sim o *ritmo* dessas mudanças¹⁶. Kilcullen afirma que as instituições, Estados, governos e forças militares existentes serão sobrepujados pela escala de distúrbios nas novas "megacidades" e pelo ritmo da nova conectividade. Ele assevera, em particular, que as cidades, e não os Estados, serão os futuros ambientes operacionais e que os conflitos se concentrarão, provavelmente, na periferia de conurbações em expansão nas áreas costeiras de nações em desenvolvimento, onde atores não estatais armados, como cartéis de drogas, gangues e senhores de guerra, disputam recursos e influência. Os Estados em via de fracassar seriam a característica predominante no futuro, e Kilcullen desenvolve a ideia, chegando a sugerir que os Estados terão dificuldades em governar as megacidades. Além disso, Kilcullen ilustra como a conectividade moderna, como a internet, a telefonia móvel, a tecnologia de satélites, o *site Google Earth* e as redes sociais apresentam tanto desafios quanto oportunidades nesse novo ambiente operacional. Essas ferramentas podem ser empregadas

para mobilizar manifestantes, como na Primavera Árabe; manter uma economia informal em Mogadíchio; treinar militares e fabricantes de armas; e ser utilizadas por crianças em idade escolar para identificar a localização de caçadores a serviço do regime na Líbia. Essa conectividade entra em jogo nos âmbitos local e mundial e sobrecarregará as forças militares convencionais e as instituições governamentais.

Ao propor uma teoria sobre o que haverá de novo no ambiente operacional, pode-se perder de vista as continuidades. Ainda que as cidades venham a ser o berço dos distúrbios populares, as áreas urbanas dependem do interior. A questão é que é possível passar ao largo das cidades e contê-las, além de elas serem um espaço de combate. São interdependentes com outras cidades, portos, infraestrutura de transporte e seus entornos. Isso significa que o sistema urbano, conforme descrito por Kilcullen, consiste não apenas nas áreas edificadas, mas também nas redes de apoio que lhes servem. Além disso, é preciso reconhecer a importância das ideologias e dos aspectos jurídicos do ambiente operacional, já que as forças de segurança enfrentarão prováveis restrições caso necessitem confrontar um *swarming* terrorista, como ocorreu em Mumbai; uma contaminação em massa; ou operações de baixa intensidade contra uma população pobre e ressentida, que adote medidas violentas em reação às suas privações.

Kilcullen reitera ansiedades históricas em relação a recursos, ameaças e reputações, as quais, provavelmente, não desaparecerão como causas da guerra. É provável que os fins da guerra continuem sendo previsíveis, ao passo que os métodos e meios se transformarão de modo significativo. Contudo, ao lado dessas mudanças, as modalidades tradicionais de guerra persistirão. O emprego da força como instrumento da política, que parece inevitável, ainda pode ser classificado em diferentes níveis: a guerra limitada; a ameaça de uma *guerre a l'outrance*, isto é, guerra total (em termos das armas de destruição em massa); e tentativas de neutralizar um inimigo com a derrota de sua estratégia. Não obstante, o surgimento de novos meios ao longo do século pode gerar novas possibilidades ou novos métodos para cumprir os fins estratégicos.

Em vez de uma única crise mundial no futuro, choques entre os recursos disponíveis e as pressões populacionais devem variar por região¹⁷. Algumas crises, por sua própria escala, podem acelerar rapidamente. A oferta limitada, o esgotamento ou os maiores custos

da extração de recursos, como energia, água e alimentos, também devem variar e prejudicar mais os países em desenvolvimento que os países desenvolvidos. O Relatório *Global Environment Outlook* ("Perspectivas do Meio Ambiente Global"), de 1999, previu que haveria conflitos decorrentes da disputa pela água no Norte da África e no Oriente Médio entre 2000 e 2025, embora questões ideológicas e de governança ainda predominassem naquelas regiões no meio do período previsto¹⁸. Além disso, o impacto das pressões financeiras não tem sido uniforme: a falta de crédito em países menos desenvolvidos os deixa vulneráveis a distúrbios populares. Segundo as projeções, a desigualdade e o desemprego entre os jovens aumentarão nos próximos trinta anos, podendo haver um crescimento correspondente de grupos insatisfeitos, dispostos a tomar medidas violentas.

Não obstante, há o risco de exagero: os ataques terroristas contra a infraestrutura são de curta duração e incapazes de destruir sistemas inteiros. A verdadeira vulnerabilidade do Ocidente seria exposta pelo colapso econômico da China em decorrência de algum movimento social de massa e por uma estagnação mundial no comércio e no mercado financeiro. Não obstante, a revolução digital promete aumentar o PIB mundial com um alcance e rapidez muito maiores que a revolução industrial. É provável que a aceleração das mudanças tecnológicas produza benefícios significativos, assim como resultados prejudiciais. Se, em 2000, o sequenciamento do genoma humano levou vários anos, a um custo de US\$ 50 milhões, hoje ele pode ser realizado em um dia, por menos de mil dólares¹⁹. Essa pesquisa médica avançada confere aos EUA uma significativa vantagem estratégica no âmbito das relações internacionais. O mesmo se aplica à revolução da informação em curso. Mais informações são geradas a cada dois dias que nos últimos 2 mil anos²⁰. A implicação é que as queixas serão ampliadas com mais rapidez e para um público maior que antes, mas é possível, também, que as soluções sejam obtidas mais prontamente. Essa possibilidade leva a crer que haverá maior volatilidade nos domínios informacional, físico, infraestrutural e conceitual.

Tendências para a Guerra do Futuro

O caráter da guerra no futuro mudará com tanta frequência quanto no passado, mas haverá várias continuidades marcantes, incluindo o terrorismo e manifestações em massa violentas. É quase certo que



Cabo do Exército dos EUA provê segurança de retaguarda durante exercício de tiro real, em Postonja, Eslovênia, 28 Abr 14.

(Exército dos EUA, 2º Sgt Pablo N. Piedra)

haja um aumento significativo do combate irregular nas cidades e uma guerra sistêmica. Há dez tendências para a guerra do futuro: a guerra irregular em áreas urbanas, com a exploração da vulnerabilidade infraestrutural; a porosidade; a dispersão; a profundidade; a furtividade (*stealth*); a miniaturização do poder de combate; a privatização da violência; a descentralização; as operações sistêmicas nodais; e a precisão.

Nas grandes cidades, é bem mais provável que ocorra o terrorismo de baixa intensidade. Conflitos prolongados exigem consideráveis efetivos militares e policiais e o emprego de Unidades de vigilância, assim como a gestão de operações de mídia. Na guerra do futuro, as milícias urbanas talvez consigam acessar mais armas letais, incluindo mísseis superfície-ar, armas antiblindagem e armas químicas ou biológicas contaminantes. Em uma guerra urbana, as Forças militares se veriam diante do colapso da autoridade civil; da presença de vários órgãos, com seus interesses específicos, atuando nos mesmos espaços; e de uma população civil vulnerável, à espera de assistência.

A guerra sistêmica é igualmente não convencional, envolvendo ataques contra sistemas financeiros; o esvaziamento proposital das economias locais, com o intuito de criar regiões e populações dependentes; a participação difusa e em massa de atividades contra o governo e o Estado; operações de informações; crimes cibernéticos; bloqueios cibernéticos; guerra eletrônica; ataques biológicos seletivos contra segmentos da sociedade; interrupções na geração e abastecimento de energia; ou contaminação de alimentos e da água. Cada tipo de ataque é caracterizado por uma ênfase no caráter sistêmico das consequências, que se destinam a abalar, prejudicar, desacreditar ou destruir os sistemas dos quais um Estado ou população depende.

O processo de difusão afeta o campo de batalha desde o início da era industrial, já que mais armas letais, com maior precisão e alcance, têm aumentado sua profundidade. Enquanto a Batalha de Gettysburg, em 1863, ocorreu dentro de um raio de poucas milhas, a Segunda Guerra Mundial abarcou vários teatros de operações no mundo inteiro, exigindo a mobilização

de economias nacionais e suas populações. Desde 1945, guerras não convencionais, assim como guerras convencionais e ostensivas, têm afetado o mundo inteiro. O caráter interconectado da economia mundial e dos sistemas de comunicações significa que até o menor ato terrorista é transmitido para toda a população mundial.

Algo intimamente ligado à ideia de dispersão é o ocultamento ou furtividade, com pequenas organizações atuando de maneira invisível ou buscando permanecer escondidas em meio à população ou em áreas afastadas. Curiosamente, apesar de declarações de que as organizações clandestinas, em particular, representam ameaças ao Ocidente, está cada vez mais difícil ocultar as assinaturas digitais. As Forças estatais modernas estão ainda mais expostas e vulneráveis e, assim, no futuro, a camuflagem em conflitos em meio à população terá de ser perfeita.

Desde a revolução industrial, a engenharia de precisão tem facilitado a criação de sistemas de armas menores e mais efetivos, ao passo que avanços na física e na química têm aumentado seu poder de explosão. Ao mesmo tempo, tem sido possível fabricar plataformas que, apesar de menores, produzem igual ou maior poder de combate. As metralhadoras, inicialmente grandes e de difícil manejo, passaram a ser portáteis. Após as primeiras bombas atômicas, foram projetadas novas gerações de armas nucleares, até ser possível fabricar um dispositivo tão pequeno quanto um projétil de artilharia nuclear. É possível imaginar a criação, no futuro próximo, de sistemas de armas de considerável magnitude, que possam ser portados por indivíduos. Deduz-se, dessa tendência, que toda cidade, porto e Província representam uma potencial zona de combate.

É provável que a guerra seja cada vez mais individualizada no futuro próximo, conforme grupos cada vez menores reivindiquem o direito de conduzi-la, providos de considerável poder de combate. Uma tendência que deve continuar é o emprego de uma quantidade cada vez maior de firmas militares e empresas privadas de segurança na execução de tarefas de segurança interna e no exterior. Esse fenômeno facilita a condução da guerra “por procuração”, por grupos e indivíduos adestrados e equipados tanto pelos Estados quanto por atores não estatais, mas com a possibilidade de negar qualquer ligação. Os combatentes irregulares assameses, os carteis de drogas mexicanos, os piratas somalis e os combatentes do Delta nigeriano conduziram, com

suas próprias condições, campanhas prolongadas contra governos, interesses internacionais e grandes empresas.

A difusão do poder e das comunicações no mundo ocidental desde o final do século XIX, que hoje abarcam o mundo inteiro, reflete-se nas novas modalidades de condução da guerra. O desenvolvimento da tecnologia e das comunicações, que também era, no passado, um privilégio da elite e do Estado, passou para as mãos da população, tornando-se um importante meio facilitador para os movimentos irregulares. Essa descentralização também capacitou as Forças estatais: a comunicação por rádios portáteis e por aparelhos móveis permite que pequenos grupos e até indivíduos obtenham melhor consciência situacional, localizem alvos e manobrem. Uma maior especialização significa maior conectividade; a interoperabilidade e a descentralização são essenciais para a distribuição eficiente de efeitos.

Os avanços tecnológicos continuam a aumentar a precisão e o poder sobrepujante, que possibilitam a condução de ataques a distância com efeitos significativos. Entretanto, a maior precisão dos meios de guerra, no futuro, exigirá mais combatentes-técnicos, capazes de utilizar esses dispositivos tanto na defensiva quanto na ofensiva, como as novas gerações de tecnologia antimíssil e veículos semiautônomos. Serão necessárias plataformas multifuncionais, capazes de operar em terra, mar e ar, assim como eletronicamente. É provável, ainda que haja um número menor de tropas especiais altamente treinadas, bem equipadas e versáteis, cuja vulnerabilidade será compensada por uma gama de opções de apoio (em transporte, Inteligência, fogos, conhecimentos especializados e logística). Contudo, em todas essas operações estatais, haverá uma ênfase em maior precisão, assim como no ocultamento, dispersão e adaptação às ameaças de ataques clandestinos por Forças não estatais ou “por procuração”. Serão necessários novos sistemas para operar com precisão de modo subterrâneo, em áreas urbanas, em arranha-céus, debaixo da água e no espaço. No futuro, as Forças militares necessitarão de uma precisão até maior e, o que é mais importante, de *maior velocidade na aquisição de alvos* que a disponível atualmente, para serem capazes de destruir Forças terroristas localizadas ou operacionais em meio a populações.

A possibilidade de provocar o enfraquecimento nodal ou sistêmico da capacidade para resistir,

comandar ou comunicar do inimigo será uma característica da guerra do futuro, envolvendo a paralisação das comunicações e maior ênfase na guerra informacional-psicológica, cibernética e, um dia, até neurológica. Consistirá em uma forma de envolvimento eletrônico furtivo e negável. Essas modalidades farão parte de uma gama mais ampla de operações contra as principais ameaças por inimigos situados em meio às populações internas.

Implicações para as Forças Armadas Contemporâneas

É difícil chegar a deduções e, em um breve artigo, elas serão necessariamente seletivas. Não obstante, assertivas breves e incisivas podem estimular o pensamento crítico, e é por meio de um diálogo bem informado que poderemos contestar premissas, aperfeiçoar nossas conclusões e permanecer alertas a concepções equivocadas. Com esse intuito, são apresentadas as seguintes considerações finais.

As futuras Forças Adversas utilizarão a furtividade, operando de modo sistêmico, por meio de redes de comunicações e pela exploração das vulnerabilidades da sociedade. Utilizarão a guerra de informação para espalhar o medo e o pânico, mas também conduzirão a guerra “cinética” contra e em meio às populações civis. Seu objetivo será destruir os sistemas financeiros, a infraestrutura e a determinação de manter a resistência. Essa guerra não convencional será mais frequente que as guerras prolongadas e de alta intensidade do passado, embora estas últimas também devam ocorrer. O desenvolvimento de armas espaciais parece ser iminente.

Para enfrentar essas ameaças, os Estados precisam identificar suas próprias vulnerabilidades e tomar medidas para resolvê-las, ainda que isso exija a reorganização de suas Forças Armadas. A preparação para essa guerra difusa, dispersa e descentralizada do futuro também significará novas medidas de defesa civil. No futuro conflito contra o terrorismo, a guerra

de informação e psicológica será essencial. A preparação em tempos de paz provavelmente ocorrerá simultaneamente com operações prolongadas, às vezes no âmbito nacional, de segurança interna, de manutenção da paz, de contrainsurgência ou de contraterrorismo. As Forças Armadas provavelmente serão empregadas em operações extremamente móveis e rápidas, em resposta a informações específicas de Inteligência. Os ataques se assemelharão a incursões. A Inteligência será o sustentáculo das operações, mas surgirão alvos casuais, disponíveis de modo efêmero, que só poderão ser explorados com uma resposta rápida e precisa. A aplicação inteligente de conceitos táticos será vital, da mesma forma que uma ligação mais próxima com várias agências civis.

As atuais tendências de guerra são um guia incompleto para o ambiente operacional futuro, mas dão alguma indicação sobre sua provável direção. Os temas de porosidade; dispersão, profundidade; furtividade; miniaturização do poder de combate; privatização da violência; descentralização; precisão; operações sistêmicas nodais; e vulnerabilidade infraestrutural ocorrerão em vários domínios: físico, infraestrutural, conceitual e informacional, especialmente com respeito a cidades e sistemas. Nesses campos, as regras da guerra mudaram. Entender as cidades e áreas do interior relacionadas, sua morfologia, suas conexões e suas vulnerabilidades proporcionará ao futuro comandante uma importante vantagem, independentemente de ele estar à frente de forças regulares, irregulares ou “por procuração”. No futuro, os conhecimentos militares básicos incluirão, como requisito, o entendimento da nova conectividade dos sistemas — eletrônicos, urbanos, baseados em recursos ou informacionais. As Forças militares serão obrigadas a adaptar-se ao novo ambiente ou sofrer a derrota. Uma forma de aprimorar a capacidade de ajustar-se seria ressaltar a importância da inovação, improvisação e adaptação, e o uso do passado como um guia essencial para o desenvolvimento educacional e a mudança institucional. ■

Robert Johnson, Ph.D., é o Diretor do Programa de Pesquisa Changing Character of War — CCW (“Caráter Mutável da Guerra”), da Universidade de Oxford. O programa reúne acadêmicos, formuladores de políticas e militares para o estudo da guerra, tratando de vários temas de pesquisa, incluindo a guerra e o Estado no mundo conectado, a guerra não estatal e a estratégia. Robert Johnson serviu no Exército britânico.

Referências

1. Robert D. Kaplan, "The Coming Anarchy", *The Atlantic*, February 1994, <http://www.theatlantic.com/ideastour/archive/kaplan.mhtml>; Francis Fukuyama, *The End of History and the Last Man* (New York: Free Press, 1992); Samuel B. Huntington, *Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order* (New York: Simon and Schuster, 1996); David Kilcullen, *Out of the Mountains* (London: Hurst & Co., 2013).
2. Martin van Creveld, "The Fate of the State", *Parameters* 26, no. 1 (Spring 1996): 4-18; Philip Bobbitt, *The Shield of Achilles* (New York: Penguin, 2003).
3. Rupert Smith, *The Utility of Force* (London: Allen Lane, 2005); Ministry of Defence, *The Future Character of Conflict* (MOD, DCDC Strategic Trends Programme, February 2, 2010).
4. Steven Pinker, *The Better Angels of Our Nature: Why Violence Has Declined* (New York: Viking Books, 2011); Andrew Mack, "More Secure World" lecture at ANU, February 2011; Håvard Hegre et al, "Predicting Armed Conflict, 2010-2050", *International Studies Quarterly* 55(2) (2013): p. 1-21.
5. See Antulio J. Echevarria II, *Imagining Future War: The West's Technological Revolution and Visions of Wars to Come 1880-1914* (New York: Praeger, 2007).
6. For an alternative view, see Christopher Coker, *The Improbable War: China, the United States and the Logic of Great Power Conflict* (London: Hurst, 2014).
7. Akbar Ahmed, *The Thistle and the Drone: How America's War on Terror Became a Global War on Tribal Islam* (New York: Brookings, 2013).
8. Andrew Mumford, *Proxy Warfare* (Cambridge: Polity, 2013).
9. A implicação é que as Forças policiais talvez sejam obrigadas a desenvolver mais capacidades paramilitares ou que as Forças militares tenham de executar tarefas de Assistência Militar ao Poder Civil com mais frequência, possivelmente em combinação com tarefas de policiamento.
10. Diane E. Davis e Anthony W. Pereira, eds., *Irregular Armed Forces and their Role in Politics and State Formation*, (Cambridge: Cambridge University Press, 2003), p. 149-177; Austin Long, "Going old school; US Army Special Forces Return to the Villages", *Foreign Policy*, July 21, 2010, http://afpak.foreignpolicy.com/posts/2010/07/21/going_old_school_us_army_special_forces_return_to_the_villages; Charles Tilly, *The Politics of Collective Violence* (Cambridge University Press, 2003), p.19.
11. D. M. Drew, "US Airpower Theory and the Insurgent Challenge: A Short Journey to Confusion", *Journal of Military History*, 62 (1998): p. 809-32.
12. Kenneth Roth, "What Rules Should Govern US Drone Attacks?" *The New York Review*, March 25, 2013, p. 16-18.
13. O uso mais bem documentado e abrangente do terror contra uma insurgência inclui a aniquilação bolchevique da resistência "branca" durante a Guerra Civil Russa e a destruição nazista das atividades da resistência francesa no centro e sul da França durante a Segunda Guerra Mundial.
14. Richard Hobbs, *The Myth of Victory: What is Victory in War?* (Boulder, CO: Westview, 1979).
15. As mudanças na história foram, até agora, gradativas, com acontecimentos de "ruptura" ocasionais, que são interpretados, subsequentemente, como tendo sido momentos decisivos. Para Clausewitz e Jomini, o grande momento decisivo de sua época foi a Revolução Francesa, mas, para muitos, na história militar, esses momentos foram identificados como batalhas decisivas, como avanços tecnológicos ou como conquistas de comandantes específicos. Tal determinismo foi contestado nos campos da história e das ciências sociais, mas parece ter persistido por mais tempo nos estudos militares. Veja Jeremy Black, *Rethinking Military History* (London: Routledge, 2004).
16. David Kilcullen, *Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban Guerrilla* (Oxford: Oxford University Press, 2013).
17. Segundo um trabalho recente, produzido pela firma McKinsey and Company, as mudanças demográficas e a ascensão de mercados emergentes vêm exercendo pressão sobre os recursos mundiais em níveis inéditos. Os preços dos alimentos aumentarão em 40% até 2030 e haverá uma discrepância de 30% entre a oferta e a demanda de petróleo e gás natural. Haverá, provavelmente, uma discrepância de cerca de 40% entre a oferta e a demanda de água. O consumo mundial de carne aumentará, exercendo pressão sobre as terras disponíveis.
18. Michael T. Klare, *Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict* (New York: Metropolitan Owl, 2001). Os Estados mais vulneráveis ao conflito são a Somália, a República Democrática do Congo (antigo Zaire), o Sudão e o Sudão do Sul. As seguintes áreas estão em risco significativo: Chade, Iêmen, Afeganistão, Haiti, República Centro-Africana, Zimbábue, Iraque, Costa do Marfim, Paquistão, Guiné, Guiné-Bissau e Nigéria.
19. Apresentação de McKinsey na Universidade Oxford, 28 Nov. 2013.
20. Ibid.